

PARTE I



Villa
Donnafugata
1995

CAPÍTULO I



MALVAS-ROSA NÃO CRECEM NO DESERTO. ENTRETANTO, CENTENAS DE SUAS flores vermelho-acetinadas margeiam um largo caminho de pedras, até um portão de ferro escancarado. Eu sei que é um sonho. Além do portão, surgem surpreendentes e extensos jardins. Há rosas. Brancas, cor de marfim ou de creme queimado, sobem em treliças e se distribuem em canteiros, derramam-se, esparramam-se e se entrelaçam. Jardins cercados de madeira, cercas vivas de teixos, arbustos de lavanda, altos e volumosos, dedaleiras brancas agitando-se entre dalias e peônias brancas. Sei que o castelo, as rosas e as malvas-rosa são ilusões provocadas pela insolação. A alucinação vai passar. Vamos voltar para o carro e nos afastar dessa loucura de silêncio e escárnio. Mas, enquanto a alucinação durar, quero dar uma boa olhada nesse lugar, onde os caules retorcidos das glícínias, jasmims e videiras cobrem uma pérgula, formando um compartimento sombreado, de cujas profundezas partem risos. Qual foi a última vez em que ouvi risos? Incluindo os meus? Caminho em direção à pérgula e paro na entrada. Vejo um grupo de mulheres, trajando longos vestidos pretos, sentadas em torno de uma mesa coberta por oleado. Uma luz trêmula atravessa as folhas, adornando os dedos das mulheres, que estão entretidas com uma pilha de feijões amarelos.

— *Buongiorno* — dizem elas, antes de nós.

Desejamos-lhes bom dia, por nossa vez. De alguma forma, o cumprimento é suficiente. Não quero mais que olhar para essas figuras fantásticas, que parecem não ambicionar nada mais do que estar mergulhadas no trabalho. Os sonhos podem ser simples. Embora não saiba quem somos ou o que queremos, uma das mulheres — talvez a mais velha — levanta-se e aponta na direção do castelo. Um sinal de boas-

vindas. Uma longa caminhada entre limoeiros e laranjais, um pomar de amendoeiras e árvores menores, cerejeiras e ameixeiras. Ouço Fernando repetindo sem parar: “Onde estamos? Onde diabos estamos?”

Imponente, arrebatador, o castelo com telhado vermelho e amarelo ergue-se em meio a uma neblina bruxuleante e a outro jardim, este cercado por um muro de pedras e também coberto de glicínias, rosas e, espalhadas ao acaso, hortaliças, ervas e outras variedades de flores. No centro do terreno murado, está trabalhando um segundo grupo de mulheres de preto. Entramos hesitantemente pelo portão aberto; elas param de esfregar cadeiras e mesas para nos observar. Uma delas está concentrada na tranquila tarefa de cortar a garganta de uma cabra bem pequena, aparando o sangue em uma gasta bacia branca. Outra nos espreita por trás de uma grande frigideira colocada sobre um fogareiro a gás, que descansa sobre um toco de árvore, enquanto remexe cebolas em gordura quente. Sinto também o cheiro de outra coisa boa. Porco assando na lenha. Um grupo está sentado em círculo, entrelaçando palha de alho roxo, de modo a formar réstias. Na forquilha de uma gigantesca magnólia, uma mulher está sentada, escrevendo em um livro com capa de couro preto. Como faziam as mulheres no chafariz do povoado, essas também cantam suavemente. Sem parecerem surpresas nem perturbadas com nossa presença, saúdam-nos beatificamente e continuam seu trabalho. E suas canções. Desnorteados, embora não constrangidos, permanecemos de pé, discretamente. A todo instante, uma das mulheres cochicha com outra e todas dão risadinhas, com os olhos fixos em nós. Assim como tinha sonhado com as malvas-rosa, as rosas e as mulheres que riam, enquanto descascavam feijão, eu certamente estava sonhando com essas. Ouço suas canções cuidadosamente e, baixinho, tento reproduzir os sons vagos e profundos que elas emitem, quando outra mulher aparece, vinda da extremidade mais afastada do jardim.

Nem jovem nem velha, também está vestida a caráter, embora de um tipo diferente: botas de cano alto, calças de montaria e casaco de camurça. Por alguns momentos, faz uma pausa embaixo de um carvalho; as sombras da folhagem tecem um xale de renda negra sobre sua cabeça e seus ombros. De forma senhorial, ela passeia em meio às mulheres, observando o que fazem, acenando com a cabeça de maneira afirmativa

ou negativa, balançando sua coroa de tranças grisalhas, conforme goste ou não do que está vendo. Com certeza é Tosca.

— As canções delas são sobre as proporções desiguais e inevitáveis de tristeza e alegria na vida. Você sabia disso? — a mulher pergunta.

Quero saber se o desdém em sua atitude e em sua voz é um disfarce para a timidez. Quando se aproxima de nós, eu quase engasgo com sua beleza.

— Se eu sei que elas estavam cantando sobre isso ou se eu sabia que isso é verdade? — eu pergunto.

— Talvez as duas coisas. Sou Tosca Brozzi.

— *Buongiorno, Signora. Noi siamo de Blasi da Venezia.*

— Eu sei. Eu sei. Haverá tempo para falarmos sobre seus malogros jornalísticos quando estivermos à mesa. Eu desconfio de que voltaremos ao assunto “tristeza” e “alegria” também. Vamos almoçar à uma hora. Mais tarde lhes direi se há acomodações para vocês ficarem. Vocês podem se lavar e descansar lá — diz ela, fazendo um gesto na direção das grandes portas negras da casa, villa ou mansão. Ou palácio. Seja lá o que for.

Enquanto hesitamos, ela diz:

— Ágata estará lá para guiar vocês.

Fernando e eu nos entreolhamos, nosso olhar dizendo: *Você quer ficar? Você quer entrar nessa?* Ele segura minha mão e me puxa em direção às portas abertas.

Outra mulher de preto: é Ágata. Ela aperta nossas mãos e fala em italiano — com menos segurança que Tosca, misturando-o com dialeto, mas não tanto que não a possamos entender. Ou ser entendidos por ela. Ela sorri e tagarela, guiando-nos por um corredor iluminado por uma única vela, em um candeeiro na parede. Então abre uma porta que dá para um grande aposento quadrado, com leve cheiro de tinta fresca. Paredes amarelas, um sofá em amarelo mais claro e duas poltronas azul-amareladas. Um espelho mosqueado em uma moldura dourada está pendurado sobre uma lareira de mármore branco. Ramos de alfazema estão amarrados em grandes feixes, colocados nos cantos do chão de mármore, ao lado das cadeiras, em cima de uma desbotada mesa dourada, e na lareira.

— *Si accomodi.* — Fiquem à vontade.

Ela abre a porta de um pequeno banheiro e retira toalhas limpas de um armário.

— *Vi porto un aperitivo tra poco.* — Vou lhes trazer um aperitivo daqui a pouco.

Enquanto ela fecha a porta, fico achando que o sonho vai terminar.

— Isso é real? — perguntamos um para o outro ao mesmo tempo.

Ouvimos nossos próprios risos.

— Eu não sei onde estamos ou com quem, mas sei que estamos seguros. Estamos no lugar certo — diz Fernando.

— Malogros jornalísticos. Como é que ela sabe sobre...

— O fato de ninguém ter falado conosco não significa que não falaram uns com os outros.

— São todas viúvas por aqui?

— Acho que sim.

— Será que isso é uma clínica de repouso com tarefas? Ou é uma comuna? Quer dizer, elas não poderiam ser parentes dela?

— Não, não é uma clínica de repouso. As mulheres são vibrantes demais. Algumas são relativamente jovens. Também acho que não é uma comuna. Eu não sei o que é.

Esfregamos nossos rostos e trancos com sabonete de limão-siciliano e pedaços de pano branco, molhando-nos e untando-nos com o conteúdo de uma mixórdia de garrafas com rótulos escritos à mão. *Óleo de néroli, água de néroli, água de lavanda, óleo de rosas.* Espanamos a poeira da Sicília de nossos pés e de nossas sandálias, ajeitamos os cabelos, vestimos de novo as camisas e, para não cairmos em sono profundo, caso nos sentássemos, ficamos de pé no quarto recém-pintado, meneando a cabeça em admiração.

— Quero dar uma olhada no lugar. Quero ver mais, e você? — eu digo.

— Esta é uma residência particular. Eles vão nos mostrar o que quiserem que a gente veja, quando quiserem que a gente veja. Paciência.

— Vamos voltar para o jardim, então. E para o carro. Pegar camisas limpas e...

— Acho que vamos voltar para o carro antes do que você imagina. Quero dizer, depois do almoço. Duvido de que fiquemos muito tempo depois disso.

— Eu não sei o que pensar dessa Tosca. Ela parecia uma figurante do elenco de *Quo Vadis*,* quando marchou pelo jardim, entrando de repente no meio do encanto.

— Na verdade, ela é mais felliniana. Sim, Fellini a chamaria para atuar em *La Dolce Vita*.** Mas pelo menos ela fala. Sou grato a ela por isso.

Juntamos nossas coisas e caminhamos de volta pelo corredor iluminado à vela, em direção ao jardim, quando Ágata abre um par de largas portas entalhadas e agita as mãos em um gesto de boas-vindas. Entramos, não em um quarto, mas na suntuosidade decadente de um salão cerimonial. Fragmentos de deuses e deusas — rechonchudos e de olhos arregalados — colidem uns com os outros em afrescos descascados sobre paredes carcomidas, em perseguições eróticas que sobem até a grande abóbada do teto. Sob o frenesi dessa cúpula, três grandes mesas estão postas. O silêncio dos jardins, suavemente quebrado pelos cantos e risos das mulheres, dá lugar a um pandemônio doméstico. É o salão de refeições de Tosca.

Cinco ou seis das viúvas entram e saem do recinto, carregando travessas, bandejas e terrinas cobertas, colocando-as em mesas auxiliares e aparadores, que se alinham nas paredes. Todas gritam ao mesmo tempo, geralmente se dirigindo a alguém na extremidade oposta da sala ou em aposentos distantes. Portas invisíveis batem sem cessar; mãos inábeis e ousadas martelam as teclas de um piano localizado em algum lugar no andar de cima. Em busca de um cordeiro recém-nascido, órfão, que fugiu da cozinha aonde fora conduzido para ser alimentado, dois velhos vasculham a casa, praguejando, até descobrir a minúscula criatura dormindo um sono tranquilo entre as almofadas gastas de uma cadeira de

* Filme épico de 1951 que se passa durante o reino do imperador Nero, retratando a luta entre a nascente religião cristã e a corrupção do Império Romano. (N. da E.)

** *A doce vida*, filme de 1960 do diretor italiano Federico Fellini que retrata o confronto entre o moderno e o tradicional nos anos 1950 em Roma. (N. da E.)

veludo. Um dos homens pega o cordeiro, que agora protesta, e o coloca em torno do pescoço, como se fosse uma echarpe, dizendo que vai levá-lo de volta à cozinha. Eu quero ir à cozinha.

Mantendo-me a certa distância, sigo o homem com o colar de cordeiro. Saio da casa, passo pelo jardim murado e por duas pequenas construções de pedra em forma de colmeia, uma das quais abriga um forno a lenha. Em frente a esta, sobre uma longa mesa de mármore, imaculadas bolas de massa, polvilhadas com farinha, foram alinhadas para fermentar ao sol. Eu nunca vi massa posta a fermentar sob o sol. Ainda estou sonhando. Embora eu queira parar o sonho neste ponto, pelo menos por algum tempo — para ficar perto da massa, sob o sol, sentindo o cheiro bom de uma fornada anterior, que permanece no ar —, corro para alcançar o homem com o cordeiro. Por uma trilha de cascalho branco, ladeada por teixos, ele se dirige ao que parece ser um celeiro adjacente a um trigal. Meus pés fazem barulho no cascalho e eu sei que ele sabe que o estou seguindo. De fato, de vez em quando ele se vira e sorri, como que para me encorajar. O homem e o cordeiro desaparecem no celeiro e, quando chego ao limiar das portas abertas, deparo-me com a cozinha mais esplêndida que já vi.

Neste último ano — o primeiro ano de minha vida na Itália —, cozinhei na minúscula cozinha de brinquedo do chalé à beira-mar de Fernando. Ou não cozinhei, na verdade, pois meu novo marido — apesar de consciente e voluntariamente ter se casado com uma cozinheira apaixonada — prefere jantar como sempre jantou: 125 gramas de espaguete, mais ou menos cozido até a flexibilidade, coberto por duas colheres de sopa de molho enlatado. E uma salada sem sal nem vinagre. Se estiver comemorando alguma coisa, um fino pedaço de peito de frango grelhado em uma frigideira Teflon. Um pedaço de limão-siciliano. Nos saltos empoeirados de minhas velhas botas, cambaleio às portas do paraíso.

Outras mulheres de vestido preto estão trabalhando. Ou serão as mesmas que estavam sob a pérgula, com os feijões, ou no jardim murado? Apenas mudaram de lugar? Não, definitivamente são mulheres que ainda não vi. Aventais brancos até o tornozelo, echarpes negras enroladas sobre as cabeças, à moda dos piratas, escondendo suas coroas de

tranças, deixando expostos os seus rostos, realçando seus negros olhos árabes. Todas parecem ter os mesmos olhos.

Vigas de madeira escura e maciça, a pouca altura, cobrem o chão de ladrilhos vermelhos, que deve medir mais de duzentos metros quadrados. Rústicas paredes de estuque foram pintadas com a mesma cor do trigo que ondula nos campos ao redor. Nas extremidades da cozinha, encontram-se duas estupendas lareiras, que, ladeadas pelas grandes patas de algum animal mitológico, esculpidas em pedra, lembram esfinges em chamas. Vejo três antigas pias de mármore, uma delas em forma de pia batismal. Há também um velho fogão de ferro forjado, um fogão de seis bocas e um novíssimo fogão verde-escuro, que parece não ser utilizado, já que todas as cozinheiras rodeiam os outros dois. Aparentemente, não existe nenhum aparelho elétrico, apenas prateleiras e mais prateleiras de facas e outros utensílios culinários. Duas longas mesas de trabalho estão posicionadas em cantos diferentes; quatro ou cinco mulheres trabalham em cada uma delas. Entro no recinto e digo *permeso*, com uma voz que ninguém escuta, por conta do barulho. Algumas me olham e sorriem; a maioria continua seu trabalho. Dou mais uns passos adentro.

Armários senhoriais, guarda-louças e aparadores estão repletos de porcelana, cerâmica, panelas e pratos de terracota, diversos objetos em vidro, cobre e estanho, toalhas de mesa, castiçais, jarros, bandejas e pilhas e mais pilhas de tigelas. As gavetas dos armários estão abertas, deixando à mostra velhos forros de pano — desbotados, rasgados, marcados. Em um desses aparadores, uma gaveta aberta, funda e comprida, forma um suporte perfeito para prender um enorme pão de crosta dourada, assado em forno de madeira. Uma das viúvas corta fatias grossas e irregulares desse pão — que deve pesar uns 3 quilos —, deixando as migalhas caírem sobre o veludo da gaveta. Queijos já maduros e prontos para o consumo estão em outro armário do mesmo tipo, embrulhados em tecido branco. Como se fosse uma caixa de joias larga e alta, um armário forrado de brocado amarelo, rasgado e desbotado, foi reservado aos doces. Suas prateleiras profundas guardam latas, potes de vidro e tortas retangulares cobertas de geleias, ou de pedaços de frutas caramelizadas. Em uma das prateleiras estão bandejas de prata cobertas de tortinhas em formato de pêsego ou laranjas, envoltas em glacê levemente

rosado e ornadas com hastes e folhas, perfeitamente confeccionadas com angélica cristalizada. Ouço meus próprios e mal contidos suspiros de deleite, enquanto observo as mulheres preparando pratos, cestos e bandejas para serem levados ao salão de refeições. Minhas mãos coçam com a vontade de tocar em alguma coisa. Mantenho-as atrás das costas. E mantenho no rosto o sorriso esperançoso.

— *Posso aiutarvi?* — Posso ajudá-las?, pergunto, com a voz em registro agudo.

A eficiência delas, no entanto, é total; todos os acepipes já estão em suas mãos, ou abrigados nos tecidos brancos que elas colocam sobre as cabeças, para amortecer o peso de um cesto cheio de pão, biscoitos ou pêssegos e ameixas ainda nos ramos. E o desfile começa. Elas saem pela porta, quadris balançando, costas e ombros arqueados, peito estufado. Cantando, orando. Sozinha, fechando a fila, eu tento andar como elas andam, sacudo os quadris sob meus jeans, mantenho a cabeça como se uma ânfora de vinho estivesse sobre ela. A sensação é boa. O sol é tórrido, os aromas dos alimentos são gloriosos. Enquanto passo a mão nas folhas aguçadas dos teixos que margeiam a trilha de cascalho branco, sinto-me extremamente grata por estar neste sonho de Sicília.